

PROFESSOR FERNANDO TERRA.



In memoriam

{ * — 25 de dezembro de 1865
† — 14 de maio de 1947.

III.º — Professor Catedrático de Clínica Dermatológica e Sifilográfica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1910-1925).

NECROLÓGIO

Na qualidade de discípulo do Professor Fernando Terra, cumpre-me o doloroso e imperativo dever de trazer à Sociedade Paulista de Leprologia, um breve e comovido necrológio do eminente Mestre, que foi um dos pioneiros da campanha de combate à lepra no Brasil.

A argúcia do ilustre professor, que transmudou os rumos da dermatologia Pátria, encaminhando-a no sentido de experimentação clínica e conseqüente estudo da dermatologia tropical, não foram alheios os temas médico-sociais da especialidade, entre os quaes destacamos o da profilaxia da lepra, cuja orientação inicial julgamos decisiva, legando-nos obra notável no campo da leprologia.

A grave epidemia, por volta de 1910, não havia interessado os higienistas brasileiros e a iniciativa pròpriamente médica, apreciada do ponto de vista histórico, limitava-se aos brados de Paulo Candido e De Simoni, em 1845 na Academia Imperial de Medicina, aos quaes os governos permaneceram indiferentes, por falta de uma sedimentação ponderável na consciência sanitária da nação.

Em 1882, o notável livro "A morfêia no Brasil", relatava a peregrinação beneditina de José Lourenço de Magalhães pelas vastas regiões do país; foi Ele o primeiro médico que se condeou da sorte dos leprosos, dedicando-se devotadamente ao estudo do grave problema nacional.

Nos hospitais e asilos de lázaros, disseminados em nosso país, por exclusiva iniciativa da caridade pública, os doentes em avançado grau de evolução da moléstia, amontoavam-se à mingua de tratamento, tal era o desconhecimento da lepra, pela carência do ensino da leprologia nas nossas escolas médicas.

Era esta a situação do país em 1910, relativamente ao grande problema sanitário, com uma epidemia que a nosso juízo já atingia o grave índice de 1 doente por 1.000 habitantes.

Apreciando o relatório bibliográfico constante do Volume publicado em 1908 pela Academia Nacional de Medicina, ao comemorar o 1.º centenário do ensino médico no Brasil, contam-se para tão longo período, cêrca de 50 trabalhos sôbre a lepra, entre os quaes se destacam os de Moncorvo (pai), Adolpho Lutz, Antonio Austegesilo e Juliano Moreira, que por sua natureza histórica e clínico-científica, não repercutiram na esfera médico-social. Assim a epidemia sub-minava a Nação, invulnerável aos termos reais do problema, pelo egoísmo reinante que indicava aos leprosos o caminho humilhante da mendicância nômade, recolhendo-os aos asilos quando o agravamento do mal lhes tolhia a capacidade fi-

sica e as resistências morais; deste modo multiplicavam-se os tristes recolhimentos de inválidos e moribundos, repudiados por uma sociedade inconciente.

Ao assumir a direção Clínica do Hospital dos Lázaros do Rio de Janeiro, o professor Fernando Terra encontrou o mais lúgubre quadro de sofrimentos humanos, no seio da opulenta metrópole remodelada e saneada pelo governo Rodrigues Alves: no velho claustro que desde 1766, fôra transformado em recolhimento de leprosos, por acto piedoso do Conde da Cunha, Vice Rei do Brasil, ha 150 anos os doentes eram abrigados em enfermarias escuras, mal arejadas e destituídas dos mais rudimentares recursos de higiene!

Era o testemunho da desídia com que o comodismo governamental protelava a solução de trio grave problema.

A Irmandade de Nossa Senhora da Candelária que piedosamente custeava as despesas do asilo, confiando a diretoria do Hospital ao Professor Fernando Terra em 1911, teve o feliz ensejo de proporcionar à clarevidência do ilustre Mestre, a radical transformação do triste recolhimento em um modelar hospital, rasgando-lhe as janelas, repavimentando-se os pisos, revestindo-se as paredes de azulejos e dotando-o de salas de operação e de curativos com os mais modernos recursos de tratamento; estas diretrizes orientadas por alto critério humano e científico, ainda hoje se mantêm atendendo As altas finalidades médicas e sanitárias do tradicional cláustro da colina de S. Cristovam, perpetuando a benemerência de seu remodelador e nobilitando a piedosa instituição religiosa que o mantêm secularmente.

Na qualidade de primeiro interno acadêmico do tradicional Hospital dos Lázaros, em 1912 quando ainda cursavamos o 6.º ano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, damos o nosso depoimento da ação do Mestre, quando reorganizada a assistência medica do grande asilo, pode então dar inicio ao ensino de leprologia em nosso pais, levando ao Hospital dos Lázaros sucessivas turmas de alunos do curso de dermatologia da tradicional Faculdade Medica.

Ao ilustre Mestre, deve o país a formação de médicos concientes da gravidade do problema, pela instrução clínica especializada, decorrente dos conhecimentos hauridos na pratica do diagnóstico da leprose, moléstia até aquela época clinicamente desconhecida pelas gerações médicas anteriores, ressalvadas as contribuições de limitado número de dentistas pátrios que acima mencionamos.

Relembrando a nossa vida de catecúmeno da leprologia, quando nas cálidas manhãs de nosso internato, acompanhávamos a visita do Mestre às enfermarias, vos confesso que não sabia o que

mais lhe admirar, alternando-se as impressões de meu espírito, seja abeberando-se de seus profundos conhecimentos clínicos, seja na contemplação da ternura com que moderava os sofrimentos morais dos doentes, assim encaminhando-nos para consciência profundamente cristã da assistência aos lázaros.

Os 30 anos de Direção Clínica do Hospital dos Lázaros, (1910-1940) beatificaram a vida do Professor Fernando Terra, glorificada pelas homenagens dos próprios doentes por ocasião de seu jubileu clínico; o martírio do acidente que ha um mês o vitimou, na cidade de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, deu à sua vida o desfecho com que se consagram os santos!

O Brasil é um país que gravita sob o signo do "Cruzeiro do Sul" e assim a sua população vive sob a proteção de Deus; por uma coincidência providencial, simultaneamente à escola leproológica que Fernando Terra levantava em 1910, na sede de nossa metrópole, a mesma bandeira sanitária inspirada pela ciência e a piedade, desfraldava-se em S. Paulo com Emilio Ribas, em Minas com Antônio Aleixo, em Pernambuco com Francisco Clementino, no Para com Aben-Athar e no Paraná com Souza Araujo!

Ao apostolado de tão ilustres expoentes da medicina brasileira, sucedeu-se em 1920 a ação de Eduardo Rabello, Silva Araujo e Joaquim Motta que estabeleceram o Plano Nacional de Combate à Lepra, atualmente em franco desenvolvimento, dentro de ampla doutrina profilática, escudada em modernos conceitos de epidemiologia e de patologia clínica, de que se orgulham os dentistas latino-americanos.

À esta jovem e prestigiosa pléiade de leprologos paulistas, cumpre se reverenciar ao Mestre, precursor de nossas vitórias, que foi Fernando Terra, culturando a sua augusta memória.

São Paulo 14 de junho de 1947.

J. AGUIAR PUPO.

Cartonagem Progresso Ltda.

Rua Antonio Afonso, 237

JACAREI

ESTADO DE SÃO PAULO

**ESPECIALIDADE EM CAIXAS PARA FAR-
MACIAS E LABORATORIOS**

Academia Nacional de Medicina. Volume "Em comemoração do centenário do ensino médico".

Tipografia do "Jornal do Comércio". Rio de Janeiro -1908. Páginas 454 a 457.
Relação bibliográfica dos trabalhos de leprologia organizada pelo, dr. Werneck Machado.

LEPROLOGIA.

- 1 — Lepra e sua etiologia, por Pedro Delvaux Pinto Coelho, 1884.
- 2 — Etiologia da lepra — Honorato Alves, 1891.
- 3 — Historia, etiologia e profilaxia da lepra — Raymundo Firmino de Assis, 1898.
- 4 — Etiologia e profilaxia da lepra no Brasil, por Joaquim Crissiuma de Toledo, 1903.
- 5 — Contribuição ao estudo da lepra no Brasil, por J. Abrantes Gama Cerqueira, 1906.
- 6 — Observação de um caso de lepra dactiliana, comunicação à Academia de Medicina de Paris, pelo Dr. Moncorvo (pai). Tradução hespanhola pelo Dr. E. A. Coni, in Contribucion al estudio de la Lepra anestésica These inaugural. Buenos Aires, 1878. (Vide "Gazeta Medica da Bahia", 2.a série, 4.o t.).
- 7 — Relatorio sobre esta these, apresentado pelo Dr. Moncorvo (pai), im - 8.o, 20 pp., extraido da "Gazeta Medica da Bahia", 1879.
- 8 — A morphéa no Brasil, especialmente na provincia de S. Paulo, pelo Dr. José Lourenço de Magalhães — Rio de Janeiro. Typ. Nacional, 1882, com 359 pp. in-4.o.
- 9 — A morphéa e sua curabilidade (1885), pelo mesmo, com juizos criticox dos Drs. Silva Araujo, Gabizo, Martins Costa, Teixeira Brandão, etc..
- 10 — Colonização dos morpheticos, pelo mesmo (1900) analysado pelo Dr. Azevedo Lima nos Boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia da, Rio de Janeiro.
- 11 — A morphéa é contagiosa? 1893, artigos no "Brasil Medico".
- 12 — Considerations sur la lepre au Brésil — Congresso Medico da Bahia, 1897.
- 13 — Relatorios apresentados pelos Drs. Azevedo Lima, Guedes de Mello e Havelbourg á Irmandade da Candelaria, sobre os trabalhos clinicos do. Hospital dos Lazaros do Rio de Janeiro, 1879 a 1897 (o primeiro medico efetivo durante este tempo, o segundo oculista e o terceiro bacteriologista desse instituto nos ultimos daqueles anos). Se bem que merecedores do mais justo interesse todos os trabalhos do Dr. Azevedo Lima durante esses 18 anos de devotada e proficiente dedicação a tão ingrato mister, alguns dos quaes publicados em avulso e transcriptos, com encomios, em revistas estrangeiras, destacamos o seguinte, em colaboração com o Dr. Guedes de Mello.
- 14 — Lesões oculares, nesses e auriculares da lepra, in-4.o, com 39 pp. extraido da "Revista Brasileira de Orphtalmologia", ns. 1, 2 e 3, 1888 e publicado tambem no "Monatshefte fuer Praktische Dermatologie", de Leipzig, vertido para o alemão pelo Dr. Adolpho Lutz.
- 15 — A lepra no Brasil — Comunicação enviada pelo Dr. Azevedo Lima ao Congresso de Leprologistas, em Berlim, em Outubro de 1897. Publicada no "Jornal do Comercio" de 29 de Dezembro de 1897.

- 16 — Contribuição ao estudo da lepra — Relatorios sobre as pesquisas feitas no laboratorio do Hospital dos Lazaros da Irmandade do SS. Sacramento da Candelaria e apresentadas á respectiva administração em 1898 e 1899, pelo Dr. Jorge Franco. (*)
- 17 — Exposição apresentada á Irmandade da Candelaria do Rio de Janeiro, de 1900 a 1907, sobre os serviços clínicos do Hospital dos Lazaros, pelos seus diretores e medicos Dr. Gabizo, Mendes Tavares, Emilio Gomes (bacteriologista) e Graça Couto (oculista) e anexos aos respectivos relatorios geraes.
- 18 — Transmissibilidade da lepra (medidas de profilaxia, tendentes a evitar a propagação do mal). Mamona apresentada pelo Dr. Mendes Tavares á secção de Medicina Publica no 3.º Congresso Científico Latino- Americano, reunido no Rio de Janeiro e publicado em avulso, 1906.
- 19 — Contribuição ao estudo da hematologia da lepra, pelo Dr. Juliano Moreira — Comunicação ao V Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, 1903.
- 20 — Lepra, pelo mesmo — Bibliotheca internationalis — Leipzig, fasc. 3, vol. 6.
- 21 — Les origines plus éloignées de la lépre au Brésil, pelo mesmo, in Lepra Bibl.int. vol. 7.º, fasc. 2º, 1907, Leipzig. Publicado em avulso.
- 22 — Lepra, leprosos e leprosas, pelo Dr. Octavio de Freitas. in "Jornal de Medicina de Pernambuco", 16 de Novembro de 1907.
- 23 — Profilaxia social da lepra pelos Drs. Alberto Seabra e Ulysses Paranhos. Memoria apresentada ao 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia 1907. (**),
- 24 — Hematologia da lepra, pelo Dr. Arthur Moses, id., id., id.
- 25 — Estudos sobre a etiologia da lepra, pelos Drs. Ulysses Paranhos e Erasmo do Amaral, id., id., id.
- 27 — Lepra e tuberculose, pelo Dr. Octavio de Freitas. (Parallelo entre uma e outra molestia. Sua distribuição geografica no Brasil), id., id., id.
- 28 — Alopecia leprosa, pelo Dr. Ed. Rabello, id., id., id.
- 29 — Leprotherapia, pelo Dr. Egas Moniz, id., id., Id.

(*) O primeiro desses trabalhos, publicado em avulso, com 80 págs. typ. e lith. de Carlos Gaspar da Silva & Campos, 113, rua da Quitanda, Rio de Janeiro) 6 dividido em duas partes com 5 capitulos e 65 observações,

1.ª parte — Hematologia das leprosos do Hospital dos Lazaros: 1.º capitulo, estudo bacteriologico do sangue; 2.º capitulo, Hematimetria e hemochromometria.

2.ª parte — 1.º capitulo, Pesquisas no leproma da pele; 2.º capitulo, O que já sabemos e o que precisamos Indagar; 3.º capitulo, Conclusões a que chegámos actualmente.

3.ª parte — Observações com os dados indispensaveis para a pesquise do estado bacteriologico do sangue e da hematimetria e hemochromometria.

O segundo trabalho também publicado em avulso, com 32 págs. (Companhia Typographica do Brasil, 93, rua dos Invalidos, Rio de Janeiro) está dividido em 4 capitulos: 1.º Pesquisas bacteriologicas no pemphigos leproso; 2.º Pesquisas sobre a inoculabilidade da lepra; 3.º Pesquisas sobre o estado bacteriologico do ar das enfermarias de S. João Batista e S. José, do Hospital dos Lazaros da Capital Federal, durante as varreduras dos mesmos; 4.º Pesquisas sobre o poder toxicodos urinos dos leprosos.

(**) Da discussão desse trabalho resultou a adopção da seguinte proporta, que, submetida a sessão plena do Congresso, obteve a aprovação unanime; O 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, reunido em S. Paulo, faz votos para que o Governo Federal e os Governos estadoaes ponham em pratica a profilaxia social da lepra. As medidas profilaticas que propõe são as seguintes: 1.º — isolamento dos leprosos em colonias, agricolas, aproveitando as ilhas do nosso litoral deshabitadas, mas farteis. 2.º — Notificação compulsória da molestia. 3.º — Creação e educação dos recém-nascidos, filhos de leprosos, nos orphanatos dos Estados.

Publicações do Prof. Fernando Terra sobre a Lepra

- Terra, F.**, Lepra e Nastin. An. Acad. Nac. Med. R. J. 1912:78, 21 e 164. Lepra e Nastina. Bol. Soc. Bras. Dermat., 1912:1 (1/3) 39. Casos de lepra. Bol. Soc. Bras. Dermat., 1912:1 (1/3) 49.
Um caso de lepra de forma achromica. Bol. Soc. Bras. Dermat., 1913:2 (1) 19.
Vacina e lepra. Bol. Soc. Bras. Derma., 1914:3 (1/3) 41 e 81. Tratamento do mal perforante plantar na lepra. Bol. Soc. Bras. Derma., 1914:3 (1/3) 64.
Leproserias. Brasil Med., 191630 (47) 372.
Lepra no Rio de Janeiro, seu aparecimento, frequencia e formas. 1.º Cong. Sul-Amer. Dermat Sif., at Janeiro, 1918, 87.
Lepra e grippe. Bol. Soc. Bras. Derma., 1918/1919:7/8, 28. Leprosy at Rio de Janeiro. J.A.M.A., 1919:72 (18) 1335. A bacillemia na lepra. Brasil Med., 1920:34 (35) 581.
O Hospital dos Lazaros. Sol. Acad. Nac. Med., R J., 1921, 26. Leproseria federal, Bol. Acad. Nac. Med. R. J., 1921:92 (5) 169. Lepra. Capitulo do livro "Consultas Dermatologicas". R. Janeiro, 1921, 99.
Notas sobre a lepra. 2.º Cong. Sudamar. de Dermat. y Sif., Montevideo, 1921:1, 707.
Organização hospitalar e radiumtherapia do Estado de São Paulo: 4.ª parte Assistencia a leprosos. Brasil Med., 1925:39 2.º (20) 287.
Esboço historico da lepra no BrasilAn. Brasil. Dermat. Sif., 1925:1 (6) iii.
Tratamento da lepra pelos esterios do oleo de chaulmoogra. "O Imparcial", R. Janeiro, 10-6-1925.
Lepra e cancer. Brasil Med.. 1926:40 (18) 245 e Ill.º Cong. Sudam. Derma. y Sif 1926, 673.
A questão da lepra no Brasil. Bol. Acad. Nac. Med. R. J., 1927:99 (12) 368.
O Hospital dos Lazaros. Medicamenta, 193413 (145) 26.
O tratamento da lepra. Emprego do oleo de chaulmoogra sob a forma de pomada. Noticia Med., 8-114934.
Os grandes problemas da raça — Em ligeira palestra com "Jornal dos Medicos", o Prof. Fernando Terra, director do Hospital dos Lazaros, acimitte a possibilidade escura da lepra. "Jornal dos Medicos", R. Janeiro, 20-12-1934.
- ε **Moreira, J.**. Lepra e isolamento. Relatorio apresentado a Commissão de Pro-filaxia da Lepra. Brasil Med., 1918:32 (34) 265.
ε **Moreira, J.**. Profilaxia da Lepra. Relatorio apresentado a Commissão de Pro-filaxia da lepra. Arq. Biol. 1919:3 (33) 559.
ε **Seidel, C.**. La lutte contre la lèpre au Bresil. Office Intern. d'Hygiene Pu-blique. 1915:7 (2), 246.

***Necrológio do Prof. Fernando Terra feito pelo
Dr. Jorge de Moraes Grey na Academia
Nacional de Medicina por ocasião do
119.º aniversário de sua fundação.***

(Jornal do Comercio, Rio de Janeiro, 2 de Julho de 1947, pág. 6)

O professor Fernando Terra na idade provecta, gozava por direito o seu "otium cum dignitati". Acompanhava de longe a trajetória luminosa de seus discípulos. E foram eles numerosos.

Para não referir senão aqueles que se mantiveram na Escola do Chefe e para exaltar-lhe a memória, cito de passagem Victor de Teive, Hildebrando Portugal, êste dos mais caros com Costa Júnior, o ilustre Secretário desta Academia, Silva Araujo, de saudosa memória, Satamini Filho e o notável Aguiar Pupo, o grande leprólogo paulista, todos expoentes de que muito se honrariam quaisquer sociedades sábias e que beberam a água pura da fonte acolhedora que foi Fernando Terra, um manancial inexgotavel de cordura e de saber.

Fui como uma grande parte dos Srs. Acadêmicos, não um discípulo, mas um simples aluno de Fernando Terra.

Assistimos a sua obra benfazeja da visita quotidiana a seus enfermos, naquela horrível enfermaria da Santa Casa, aquele tempo. Só a abnegação de Fernando Terra e de seu estado maior, o sentido o mais alto do cumprimento de um dever e um alto espirito cristão, poderiam tornar um hábito aquelas visitas. Entre chagas e pápulas, os autênticos médicos de misericórdia, viviam a vida de quem cura e consola.

Pontual, claro, esplicito, erudito, senhor de grande experiência e tirocínio clínico, o Professor Fernando Terra ministrava a nós os ensinamentos dessa complexa especialidade que é a dermatologia, que cuidando das lesões de superfície, bem a mostra, expostas e aparentemente atingíveis por métodos simples e corriqueiros e para cujo tratamento se exigem conhecimentos profundos de patologia, de endocrinologia, de fisica, de química e mesmo de biologia.

Já vai muito longe a dermatologia dos unguentos, das pomadas e dos emplastros. A dermatologia de Fernando Terra não era dessa época. Iniciou-se nela, aprendeu no seu tempo êsse receituário, mas quando ensinou já o fez no padrão elevado da dermatologia moderna. Numerosos trabalhos saíram de sua pena. Pesquisou e escreveu matéria copiosa sobre a leishmaniose. A blastomicose, as micoses em geral, foram sem dúvida dos assuntos que mais se beneficiaram de suas meditações e pesquisas.

Leprólogo dos mais ilustres, dirigiu com o saber e o coração o Hospital dos Lázaros.

Sabeis senhores Acadêmicos que não é leprólogo quem quer. Não será nunca um leprólogo, o médico que apenas estudar a lepra e que souber diagnosticá-la e tratá-la ou for capaz de dissertar com brilho sobre ela.

Para ser leprólogo senhores, é preciso conhecer à fundo a enfermidade, mais que isso, possuir o coração para tal, ter abnegação e o sentimento da solidariedade humana o mais elevado. Ser leprólogo é saber, é ser humano, é fazer obra cristã.

O morfético é um revoltado ou um recalcado. Um homem que morre aos poucos, que se vê morrer aos pedaços, que vê ir, aos poucos porções de seu eu e com elas as cousas mais caras de seu afeto, vivendo os maiores dramas morais que o enfermo poderá viver. Lidar com êles, de quem todos fogem como da própria peste, curá-los, mitigar-lhes o sofrimento, não é obra para o homem de ciência. E' preciso muito mais senhores, é obra para bemaventurados, obra de sacerdócio, obra de coração.

Fernando Terra foi um leprólogo.

Um leprólogo no grande conceito em que se colocam aqueles benfeitores que, até hoje vivem nos leprosários sua missão sacerdotal.

Fernando Terra foi um grande leprólogo. Merecer êsse titulo onde há um Souza Araujo e um Aguiar Pupo é ser portador de um grande diploma, senhores acadêmicos!

Fernando Terra morreu queimado. Vitima de uma explosão e incêndio morreu coberto de chagas, quase uma só chaga, aquele que não fez outra coisa senão curar as chagas de seus semelhantes, com o bálsamo de sua sabedoria e o bálsamo de seu coração.
